

POESIA INFANTOJUVENIL: ALGUMAS REFLEXÕES E SUGESTÕES

Patrícia de Farias Sousa (Bolsista REUNI/CAPES/ POSLE/UFCG)

paty_fariassousa@hotmail.com

Orientador: Dr. José Hélder Pinheiro Alves (UFCG)

helderpin@uol.com.br

1 Introdução

*A poesia
-é só abrir os olhos e ver -
tem tudo a ver
com tudo.
(Elias José)*

A poesia nos permite perceber o mundo de uma forma particular. Ela proporciona sensações que nos provocam e nos levam a lugares reais e/ou imaginários. Segundo José Paulo Paes, “Poesia é brincar com as palavras”. Nesse sentido, o poeta consegue expressar por meio dessa “brincadeira” com as palavras algo que nunca tínhamos pensado em dizer ou então o expõe de um modo diferente que nos encanta. Maria da Glória Bordini em seu livro *Poesia Infantil*, ressalta que “poesia é brinquedo de criança”, assim ler e ouvir poesia, além de provocar emoção e prazer, tem que ser divertida.

É sabido que a poesia é uma arte que acompanha o homem desde suas primeiras interações com o outro e com o mundo. “Desde criança somos estimulados por sons, por canções, por jogos de palavra, por trava-línguas, por quadras sobre os mais diversos temas” (PINHEIRO, 2005). A poesia então nos circunda e é, muitas vezes, apreendida por nós pelo seu caráter lúdico, desprovida de interesses, mas dotado de imaginação e fantasia, com grande carga de simbolismo e dinamismo.

Segundo Aguiar (2008, p. 18) “Ler ficção e poesia, por conseguinte, não é entrar num mundo mágico, irreal e alienado, mas captar a realidade mais intangível, aquela sedimentada no imaginário a partir das ingerências do cotidiano da história individual e social”.

Pela sua importância e o seu poder transformador em nossas vidas, “a poesia pode ser um elemento fundamental de educação da sensibilidade” (PINHEIRO, 2005, p. 25). O desenvolvimento da sensibilidade em relação à arte deveria ser um dos fios condutores do trabalho renovador com a poesia aliado ao objetivo de levar os leitores a perceber o poder da palavra poética mediante a exploração de suas várias significações.

É a partir dessa perspectiva, que o presente estudo pretende fazer algumas reflexões a respeito da relação poesia e ensino, como também da poesia sugerida para crianças e jovens,

apontando possibilidades de seleção de poemas para esses leitores e, além disso, apresentar sugestões de trabalho que levem a experimentação poética na escola.

2 Poesia e ensino

Desde o momento em que nos aventuramos no caminho da educação, em especial nas atividades em sala de aula, verificamos a necessidade de uma proposta de trabalho que vise o desenvolvimento pelo gosto da literatura e, principalmente da poesia. Isto porque segundo Pinheiro (2007, p. 17), “de todos os gêneros literários, provavelmente é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico da sala de aula”.

Sabemos que a experiência com a poesia contribui de forma satisfatória para o desenvolvimento da imaginação, da sensibilidade, da criatividade e das potencialidades linguísticas do aluno. Assim sendo, é de extrema importância uma prática de leitura significativa com a poesia para o educando.

Na leitura de poesia assim como em qualquer leitura de um texto literário, existem de acordo com Gebara (2002) três elementos a serem considerados, a saber: autor, texto e leitor. A autora destaca que, embora eles estejam interligados, “o que ocorreu durante muitos anos foi a atenção excessiva sobre um pólo ou outro, sem que o todo pudesse ser retomado em sua dinâmica relacional” (GEBARA, 2002, p.19).

É no trabalho de parceria entre autor e leitor que há a possibilidade de construção de sentido para qualquer texto. O autor apresenta índices do que pode ser compreendido, porém cabe ao leitor atribuir sentidos ao que lê. A leitura enquanto atividade de linguagem faz parte de um processo que se dará pela interação que se desenvolve na dinâmica das relações sociais.

As experiências de trabalho com a poesia na escola ocorrem na maioria das vezes, de forma limitada, a começar pelos livros didáticos, que ainda reproduzem esquemas bastante pragmáticos para o trabalho com este gênero. Atentemos para o modo como Gebara enfoca a questão,

O texto circula primordialmente em sala de aula por meio do livro didático. Nele, tanto professor como aluno encontram uma seleção feita para um público idealizado, homogêneo a partir de uma expectativa tanto do autor como do editor. Talvez esteja nesta circunstância a razão do desinteresse que os textos causam nos alunos. (GEBARA, 2002, P.24)

Os livros didáticos exploram atividades de reconhecimento e interpretação. Segundo a autora, a vivência que poderia ser obtida com a leitura e discussão do texto poético através da troca de opiniões entre os alunos na sala de aula, deve desembocar nas páginas da seção destinada a questões de interpretação do texto, desconsiderando, então, a multiplicidade de leituras possíveis. Em muitos casos, os exercícios oferecidos pelos manuais didáticos abordam também esse tipo de texto como pretexto para levar os alunos a discutirem conteúdos gramaticais e ortográficos, contendo-se toda a poeticidade, a qualidade estética.

Com esse tipo de abordagem “não se preveem as diferenças individuais, o repertório de cada um, nem tão pouco as diferentes realidades em que vive cada leitor” (GEBARA, 2002, p. 25). Acrescentam-se ainda o fato de muitos professores não serem leitores de poesia, desconhecendo as suas possibilidades de exploração e, por conseguinte, não despertando o aluno para tal vivência. A leitura de poemas tem, portanto, suas particularidades como qualquer outro gênero, e a formação de leitores, quando se coloca como objetivo a leitura estética, supõe um trabalho que considere essas particularidades” (VERSIANI, 2000, p. 53)

Em meio a tantos problemas, vão surgindo reflexões, perspectivas que apontam para novas metodologias. Os documentos oficiais como as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (2006) e os *Referencias Curriculares da Paraíba* (2007) são exemplos disso. Esses documentos parametrizadores de âmbito nacional e estadual revelam importantes considerações no que tange ao ensino de Literatura.

As correntes teóricas citadas têm influenciado os estudos literários e fundamentam esses documentos, que são encaminhados para os professores da Educação Básica com o objetivo de apresentar um conjunto de perspectivas que alimentam sua prática docente. Com conhecimentos mais definidos do que seja língua, linguagem, literatura, recepção, leitor, o professor terá possibilidades de um planejamento maior dos assuntos a serem trabalhados em sala de aula. As *Orientações Curriculares Nacionais* (2006) afirmam:

Quando propomos a centralidade da obra literária, não estamos descartando a importância do contexto histórico-social e cultural em que ela foi produzida, ou as particularidades de quem a produziu (até porque tudo isso faz parte da própria tessitura da linguagem), mas apenas tomando – para o ensino da Literatura – o caminho inverso: o estudo das condições de produção estaria subordinado à apreensão do discurso literário. Estamos, assim, privilegiando o contato direto com a obra, a experiência literária, e considerando a história da Literatura uma espécie de aprofundamento do estudo literário, devendo, pois, ficar reservado para a última etapa do ensino médio ou para os que pretendem continuar os estudos especializados (BRASIL, 2006, p. 76-77).

Aliada a essas considerações, os *Referenciais Curriculares da Paraíba* (2007), em que se encontra o componente “Conhecimentos de Literatura” apresenta sugestões metodológicas e orientações de caráter mais geral, fundamentadas numa concepção de ensino da literatura que privilegia o contato direto com as obras literárias de diferentes gêneros e épocas. “A maior exigência desta perspectiva está no fato de que estudantes e professores terão que ler as obras de diferentes gêneros e discuti-las a partir de inquietações reais suscitadas pela leitura” (PARAÍBA, 2007, p. 81).

Nesse sentido, muitos dos métodos citados anteriormente deveriam estar sendo superados no âmbito do contexto escolar. A partir dessas constatações, é possível compreender que as relações poesia e ensino, necessitam de um novo olhar, que vise à exploração de alternativas didáticas de ensino-aprendizagem, capazes de promover a formação de leitores.

3 Poemas para crianças

*Poesia
é brincar com as palavras
[...]
Vamos brincar de poesia?
(José Paulo Paes)*

A poesia tem como uma de suas particularidades, o uso particular do código linguístico, todavia, “há em sua estrutura interseções com o uso comum da língua que fazem com que o conhecimento prévio do leitor seja recuperado, promovendo o movimento de encontro” (GEBARA, 2002, p.33).

Nesse sentido, a leitura estética da poesia é possível para todos os públicos, como bem ressalta Pinheiro (2008) “toda idade é idade de poesia” e, sobretudo, quando esses leitores são crianças, uma vez que nelas o impulso lúdico se faz presente, na busca das possibilidades do “dizer”.

Embora o texto poético voltado para esses leitores – as crianças – permita um encontro de afinidades, o que vem ocorrendo ao longo da história da poesia para crianças não condiz com esta ideia. Conforme Lajolo (1993 *apud* Gebara, 2002, p. 34), “muitos autores acreditam que, como o interlocutor é criança, basta tentar imitar o raciocínio infantil”. Essa constatação que perdurou por algum tempo resultou para poesia infantil – na produção de poucos textos que apresentavam qualidade.

Porém com o “boom” da literatura infantil na década de 80, novos caminhos começam a ser delineados, há um aumento significativo de livros de poemas para crianças. Para Pinheiro (2000, p. 11-12), “se o número é significativo, a qualidade estética das obras é quase sempre passível de críticas. Dificilmente encontramos livros que alcancem o equilíbrio estético de *Ou isto ou aquilo*, de Cecília Meireles ou da *Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes [...]”.

Versiani (2000) ressalta que poetas como Olavo Bilac, Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa, Mário Quintana, Vinícius de Moraes e José Paulo Paes são referências obrigatórias quando se trata de poesia infantil no Brasil.

No quadro mais atual de publicação deste gênero, há nomes como o de Sidônio Muralha, Elias José, Sérgio Caparelli, Ricardo Azevedo, Roseana Murray, Ana Maria Machado, Duda Machado, entre outros.

Fanny Abramovich (1997) em *Poesia para crianças* discute considerações tradicionais sobre a poesia. Ela afirma que esse é o gênero literário que mais sofre preconceito, pois tem que ache que a poesia infantil tem que ser moralizadora, pequenininha, que deva tratar de temas patrióticos e de assuntos piegas. Diante de tais preconceitos, a autora assegura:

A poesia para crianças, assim como a prosa, tem que ser, antes de tudo, muito boa! De primeiríssima qualidade!!! Bela, movente, cutucante, nova, surpreendente, bem escrita... Mexendo com a emoção, com as sensações, com os poros, mostrando algo de especial ou que passaria despercebido, invertendo a forma usual de a gente se aproximar de alguém ou de alguma coisa... (ABRAMOVICH, 1997, p. 67)

Ainda a respeito da poesia infantil, Abramovich (1997, p. 67) acolhe a ideia de que a poesia é uma brincadeira com as palavras e exemplifica várias possibilidades de realização, explorando “jogo de palavras”, “rimas”, “ritmo”, “sensações”, “sonhos”, “emoções”, dentre outros.

Segundo Gebara (2002), na análise da poesia infantil o primeiro aspecto a ser considerado é assumir que o texto poético não é sinônimo de posturas moralizantes ou didatismos, pois estas metas se materializam em textos superficiais, direcionando o leitor ao “que o texto diz” e não “ao modo com o texto diz”.

Quanto à organização do poema, a autora assinala que diversos elementos (lexical, semântico, fonético, fonológico, sintático, percepção visual do poema, ilustração e novidade) devem estar presentes na poesia infantil, pois impressionam os sentidos envolvidos na leitura.

As crianças “podem experimentar, sem os métodos analíticos e crítico, as dezenas de elementos que o poema traz e trata” (GEBARA, 2002, p. 39).

Esses elementos são despertados e instigados quando entramos em contato com o texto poético. Jose Paulo Paes, referindo-se à poesia para criança, garante:

“[...] a poesia tende a chamar a atenção da criança para as surpresas que podem estar escondidas na língua que ela fala todos os dias sem se dar conta. Por exemplo, a rima, ou seja, a semelhança de sons finais entre duas palavras sucessivas, obriga o leitor a voltar atrás na leitura. Esta passa então a ser feita não linha após linha, sempre para frente, como na prosa, e sim num ir e vir entre o que está adiante e o que ficou para atrás. Com isso, desautomatiza-se a leitura e se direciona a atenção para o conjunto de significados do texto...” (PAES, 1996 *apud* GEBARA, 2002, p. 14)

O público mirim é solicitado a participar do jogo poético instaurado pelo poeta, a brincar com os sentidos das palavras, com o modo como elas estão distribuídas na página do livro, com as sonoridades, com os ritmos, dentre outros. Cabe destacar que há poesia de qualidade estética e em quantidade satisfatória dedicada aos pequenos leitores, com poemas que privilegiam a ótica infantil, aguçando a fantasia e a criatividade das crianças.

4 Poemas para jovens

*Os poucos versos que aí vão,
em lugar de outros é que os ponho.
Tu que me lês, deixo ao teu sonho
Imaginar como serão.*
(Manuel Bandeira)

Em *Poesia para jovens leitores* Hélder Pinheiro (2007) apresenta perspectivas de abordagem do poema para leitores jovens, principalmente em contexto escolar. O autor alerta que o trabalho com obras de qualidade estética garantem uma ampliação na formação do leitor crítico e sensível.

Um dos caminhos apontados por Pinheiro (idem) é o da busca, nas obras de nossos grandes poetas, de poemas que respondam ao horizonte de expectativas do jovem leitor. Esse caminho é visto pelo autor como mais promissor, embora seja mais difícil, devido aos professores não contemplarem uma prática de leitura de poemas constante.

Segundo Colomer (2007), no nosso espaço escolar, se ensina muito mais a dar respostas objetivas do que desenvolver a subjetividade. Assim, é importante que o professor

tenha a sensibilidade de conhecer quais os gostos dos alunos, por quais manifestações literárias eles se interessam, “temos de saber ‘onde estão’ para ajudá-los a ampliar progressivamente sua capacidade de fruição.” (COLOMER, 2007, p. 67). Todavia, segundo esta autora é notável que os professores pouco leem, ou têm a leitura limitada às formas mais acessíveis, contribuindo, então, para que o mesmo não consiga incentivar seus alunos e motivá-los na leitura significativa de poemas.

Para reverter essa situação é preciso acreditar que a poesia é algo fundamental em nossas vidas e como bem lembra Pinheiro (2007, p. 89) “o acesso a ela é um direito de toda criança e de todo jovem”. Como profissionais da educação, temos o dever de proporcionar este encontro do jovem leitor com o poema. Ainda de acordo com o autor,

[...] temos o dever de levá-lo a ter contato com uma poesia em que estejam representados os seus desejos, suas dúvidas, seus medos, suas alegrias, enfim, sua experiência de vida. Mas também proporciona-lhe leituras desafiadoras que possam questionar posições, preconceitos e colaborar para que se tornem leitores mais exigentes (PINHEIRO, 2007, p.89).

Dessa maneira, o conhecimento de expectativas do jovem leitor e de textos que estão em reciprocidade com tais expectativas não é suficiente. Faz-se necessário pensar nos procedimentos metodológicos escolhidos para o trabalho com o poema, tendo em vista cada turma, cada situação nova.

Como mencionamos anteriormente, temos poesia de qualidade a oferecer ao público infantil, entretanto, não podemos dizer o mesmo das publicações que buscam atingir o público juvenil. Isso porque “não há propriamente uma poesia para jovens” (PINHEIRO, 2007, p.94). Os livros que aparecem com tal objetivo carecem de realização estética mais adequada, pois tendem a facilitar a linguagem, e, principalmente, à uniformização de certos padrões tidos como específicos do jovem.

O autor esclarece que embora não se tenha um número de livros de poemas significativos destinados a esse público adolescente, comparável à poesia para os leitores mirins, isto para ele não parece ser problema, uma vez que é possível buscar na obra de poetas consagrados brasileiros poemas que podem ser lidos e apreciados em sala de aula.

No que diz respeito à temática, aqui tudo vale a pena, não há por que abordar temas que focalizem aspectos ligados ao universo juvenil (o amor, a paixão, os desejos). Este tipo de abordagem “é o que mais cansa nalguns livros de poemas para jovens. [...] há outros interesses como os temas sociais, políticos, religiosos, esportistas, a condição da mulher entre tantos” (PINHEIRO, 2007, p. 95-96).

Encontramos algumas referências na poesia de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Mario Quintana, Paulo Leminski, José Paulo Paes, Sérgio Caparelli, Adélia Prado, Alice Ruiz, Cláudia Lidroneta, Manuel Bandeira, entre outros.

5 Poesia Infantojuvenil: sugestões para uma vivência

Apoiados na ideia de que é possível formar leitores de poesia e tomando como norte a possibilidade de uma convivência poética, faremos algumas sugestões de abordagem de poemas para esse público infantojuvenil.

A primeira sugestão é a **leitura oral do poema**, um procedimento básico que favorece a aproximação do leitor com a poesia. Segundo Pinheiro (2008), “Poesia pede voz – várias vozes, leituras repetidas e discutidas”. Esse tipo de iniciativa permite a percepção de nuances sonoras e semânticas, de algumas imagens que passam despercebidas numa primeira leitura, das repetições.

Atentemos de novo para as palavras de Pinheiro: “[...] a leitura que não seja minimamente adequada compromete a apreciação e o reconhecimento do valor da obra. Ler em voz alta é um modo de acertar a leitura, de adequar a percepção a uma realidade objetiva” (PINHEIRO, 2007, p.34).

Sendo um instrumento didático-pedagógico da maior importância, a leitura oral funciona bem com todos os públicos leitores. Com o leitor infantil, além de leitura e releitura, improvisações a partir do poema sempre têm um papel fundamental, pois aproxima a criança da materialidade do poema, possibilitando que construam situações, que fixem versos, imagens, etc (PINHEIRO, 2008).

Aliado a isto é imprescindível que o professor seja um leitor de poesia e como bem esclarece Abramovich,

Se a professora for ler um poema para classe – que o conheça bem, que o tenha lido várias vezes antes, que o tenha sentido, percebido, saboreado. Para que passe a emoção verdadeira, o ritmo e a cadência pedidos, que sublinhe o importante, que faça pausas para que cada ouvinte possa cobrir – por si próprio – cada passagem, cada estrofe, cada mudança... (ABRAMOVICH, 1997, p. 95).

Sabemos que existem algumas dificuldades para ler poemas em voz alta, muitos professores, alunos e leitores comuns resistem a essa prática, que se bem realizada pode se transformar num momento de forte convivência com o poema.

Mas, para o trabalho em sala de aula, a leitura oral é, muitas vezes, essencial e necessita, portanto, de preparo. O professor deve treinar a leitura em voz alta, ler diversas vezes para ele próprio e com isso ganhará mais confiança antes de levar o poema para sala de aula, outra sugestão é ouvir CDs com bons atores lendo poemas.

Um bom exemplo de realização oral de poema direcionado ao público mirim pode ser encontrado em *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles na voz de Paulo Autran. Já para os jovens leitores na “Edição poesia falada”, sobretudo nos CDs em que Paulo Autran interpreta Fernando Pessoa (vol. 7) e Carlos Drummond de Andrade (vol. 13).

Em relação ao público adolescente, pode se trabalhar após uma leitura individual e silenciosa, a leitura oral do poema, sendo a mesma incentivada por mais de um jovem/leitor. Duas ou três leituras orais permitem a percepção de vários elementos que estão postos no poema, como por exemplo, a musicalidade, a inventividade que, muitas vezes, é captado mais profundamente após a realização oral.

Alfredo Bosi (1988 *apud* Pinheiro 2007, p. 37) defende que se “o leitor conseguir dar, em voz alta, o tom justo ao poema, ele terá feito uma boa interpretação, isto é, uma leitura afinada com o espírito do texto”. Valendo desse pressuposto, acreditamos que uma leitura oral expressiva realizada em sala de aula é um procedimento metodológico de grande contribuição para cativar, encantar e aproximar os leitores de poesia – as crianças e os jovens.

Poesia & Música é mais uma sugestão de trabalho, pois concordando com Bordini “a música pode se converter num recurso para apreciação da literatura”. Para os pequenos leitores, há composições (poemas musicados) de boa qualidade dirigidas à infância, dentre elas, podemos destacar *Arca de Noé I e II*, de Vinícius de Moraes.

Outra sugestão possível que facilitaria o acesso à poesia é a organização de **antologias** de poemas, isso porque nem os livros de poesia são acessíveis, nem a maioria dos jovens leitores está apta ainda para apreciá-los de forma o mais proveitosa possível. Para esse tipo de público a antologia seria uma boa porta de entrada.

Muitos poemas de Drummond, Bandeira, Vinícius, José Paulo Paes, Adélia Prado, Leminsk, entre tantos outros, poderiam ser levados ao conhecimento desses jovens leitores, uma vez que encontramos qualidade estética e variedade temática que os qualifica para o trabalho no âmbito da sala de aula.

Com a antologia, o jovem tem acesso a bibliografias, como também a obras mais completas e complexas dos seus poetas preferidos, possibilitando conhecer o seu estilo, seus temas e etc. É interessante destacar que o professor não deve se limitar apenas as antologias prontas, e sim organizar seu próprio material de trabalho em sala de aula, em razão de já conhecer minimamente seus alunos, podendo elaborar e a cada ano ampliá-la ou diminuí-la, convocar novos poetas.

De acordo com Pinheiro (2007, p. 43), é bom estar atento “para a possibilidade de sempre ajuntar novos poemas de poetas recém-conhecidos, de poetas locais, de poetas que não foram consagrados pelo cânone e tantos outros”. A confecção de antologias é então uma alternativa, devido à falta de obras adequadas e acessíveis economicamente. A título de exemplificação, temos para os jovens leitores *Nariz de vidro*, de Mario Quintana e *Berimbau e outros poemas*, de Manuel Bandeira, que está mais próximo do leitor infantil.

Como última sugestão, trazemos o **debate**, procedimento didático que deve ser privilegiado em sala de aula na experiência com o poema. É bem verdade que não é possível no decorrer de um ano de atividade com o texto literário, lançar mão de vários procedimentos metodológicos, porém um deles necessita ser constantemente recorrente – o debate.

Adotamos o debate, sobretudo, por ser um instrumento democrático e que proporciona um momento para todos revelarem seus pontos de vistas, suas discordâncias. O papel do professor com o aquele que media o debate, que levanta questões que enriquecem a discussão de ideias, é das mais importantes.

Na leitura de um poema, os alunos podem ser estimulados pelo professor a destacar algum verso ou estrofe que chamou sua atenção, bem como destacar algo que não se compreendeu, que o tocou ou incomodou, nesse momento já se promove uma discussão, um leitor poderá levantar uma questão e outro discordar, colocando em crise o que foi afirmado e, dessa forma, inicia-se um debate.

Na visão de Pinheiro (2007, p. 79-80) “qualquer método de abordagem textual, direta ou indiretamente, pode (e não deve dispensar) lançar mão do debate”. Promover o debate é permitir que a sala de aula se torne um espaço privilegiado de discussão, onde todos os leitores de poesia – as crianças e os jovens – tenham a oportunidade de falar, discordar, opinar, questionar, enfim, ser personagem principal de sua própria experiência poética.

6 Considerações finais

Vimos que as relações poesia e ensino necessitam de um novo olhar, que esteja direcionado, essencialmente, para a tomada de novas atitudes, que promovam uma leitura mais significativa com o texto poético.

Quanto à indicação da poesia para crianças, é melhor recorrer a poetas “que já dominam o verbo, constroem o verso, controlam o ritmo, sabem eliminar o supérfluo, para condensar de modo exato e belo – as imagens, e provocar encantamento, suspiros, concordância, gostosura, sorriso, vontade de querer mais, de repetir [...]” (ABRAMOVICH, 1997, p.95).

Para os jovens leitores, selecionar poemas de qualidade estética reconhecida e que respondam aos seus horizontes de expectativas. Além disso, pensar numa metodologia mais dialógica, que possibilite a esses leitores ter asseguradas as suas palavras, suscitando, assim, várias experiências de leitura poética.

Essas reflexões e sugestões entre o que é possível oferecer e o que interessa ao universo infantojuvenil devem ser levadas em consideração por todos aqueles que trabalham com objetivo de formar leitores de poesia.

Evidentemente que as sugestões de trabalho para promover a interação com a poesia não se esgotam aqui, uma vez que sabemos que cada turma é única e, portanto, no que concernem as vivências com o texto poético, cabe ao professor estar sempre buscando estratégias para suas experiências em sala de aula.

Vale lembrar que, qualquer que seja o percurso escolhido, o importante é que a poesia seja à base da reflexão e da vivência e que os leitores – as crianças e os jovens – experimentem sua competência de atribuir sentido ao que está sendo lido.

Referencias

ABRAMOVICH, Fanny. Poesia para crianças. In: _____. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997. p. 65-95.

AGUIAR, Vera Teixeira de. Da teoria à prática: competência de leitura. In: MARTHA, Alice Áurea Penteadó (org.). **Leitor, leitura e literatura: teoria, pesquisa e prática: conexões**. Maringá: Eduem, 2008.

BORDINI, Maria da Glória. **Poesia infantil**. São Paulo: Ática, 1986.

BRASIL, Linguagens, códigos e suas tecnologias: conhecimento de literatura. In: _____. *Orientações curriculares para o ensino médio*. Brasil: Mec / Secretaria de Educação Básica, 2006, p. 49-81.

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças**. São Paulo: Cortez, 2002.

PARAÍBA. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias**. João Pessoa. Secretaria de Estado da Educação e Cultura/Coordenadoria de Ensino Médio, 2007.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

_____. **Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

_____. Abordagem do poema: roteiro de um desencontro. In: DIONÍSIO, Angela Paiva. BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 62-74.

_____. Poesia na sala de aula. **Jornal do Professor**. ed. 47. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=50&idCategoria=8>> Acesso em: 10 nov. 2011.

VERSIANI, Zélia. A diversidade da produção poética para crianças e jovens. In: PAIVA, Aparecida, *et al* (Org.). **No fim do século: a diversidade – o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 49-59.